

INFLUÊNCIA SOCIAL E ERRO FUNDAMENTAL DE ATRIBUIÇÃO: UMA
REPLICAÇÃO SISTEMÁTICA DE WEATHERLY, MILLER E MCDONALD
(1999/2009)

SOCIAL INFLUENCE AND FUNDAMENTAL ATTRIBUTION ERROR: A
SYSTEMATIC REPLICATION OF WEATHERLY, MILLER AND MCDONALD
(1999/2009)

Camila Corrêa Lopes Machado

Instituição de Educação Superior de Brasília

Márcio Borges Moreira

Instituição de Educação Superior de Brasília e Universidade de Brasília

Resumo

O presente trabalho é uma replicação sistemática do experimento de Weatherly, Miller e McDonald (1999/2009). O objetivo do presente estudo foi verificar a possível influência da presença de outras pessoas na ocorrência e magnitude do Erro Fundamental de Atribuição (EFA). Participaram do experimento 40 estudantes universitários. Vinte participantes responderam, juntos em uma mesma sala, um questionário no qual deveriam atribuir percentuais de causalidade (disposicional, situacional ou de propósito) a eventos cotidianos. Outros vinte participantes responderam o mesmo questionário isoladamente. Ao contrário do experimento original, as diferenças entre condições dos percentuais médios de cada tipo de atribuição de causalidade não foram estatisticamente significativas. Os resultados sugerem a necessidade de revisão dos textos das vinhetas experimentais utilizadas.

Palavras-chave: Influência Social, Controle de Estímulos, Erro Fundamental de Atribuição.

Abstract

The present work is a systematic replication of Weatherly, Miller and McDonald (1999/2009). This study verified the possible influence of other people's presence in the occurrence e magnitude of Fundamental Attribution Error. Forty undergraduate students participated in the experiment. Twenty participants answered a questionnaire at the same time, in the same room, in witch they had to state percents of causality (disposition, situational or intentional) to ordinary events. Other 20 participants ran the same task

isolated, in different rooms. The differences between average scores of causality attribution did not show statistical significance, differing from results of the original experiment. Results suggest the experimental vignettes' texts should be reviewed.

Keywords: Social influence, Stimuli Control, Fundamental Attribution Error.

A Psicologia Social pode ser definida como o estudo científico de como os sentimentos, pensamentos e comportamentos das pessoas são influenciados pela presença de outras pessoas (Aronson, Wilson & Akert, 2002). Esta definição nos permite interpretar que a Psicologia Social está interligada com a Análise do Comportamento, que busca na relação do homem com o mundo uma explicação tanto para sua experiência subjetiva, quanto para seu comportamento publicamente compartilhado (Tourinho, 2003). Entretanto, essas duas abordagens ainda são percebidas como dois campos distintos na Psicologia (cf. Guerin, 1992; Wearthely, Miller & McDonald, 1999/2009).

Wearthely e cols., (1999/2009) – entre outros autores – apresentaram algumas possíveis vantagens de se estudar influência social (conceito amplamente utilizado na Psicologia Social) a partir do conceito analítico comportamental de controle de estímulos. Zimbardo e Leippe (1991, citado por Wearthely e cols.) descrevem influência social como a mudança no comportamento das pessoas causada por outras pessoas. O conceito de influência social circunscreve uma série de fenômenos (ou subtipos de influência social), como, por exemplo, conformidade, obediência e facilitação social.

Segundo Wearthely e cols. (1999/2009), a conformidade ocorre quando há modificação do comportamento do indivíduo em função da influência de outras pessoas (ou do comportamento de outras pessoas) que não exercem nenhuma autoridade coercitiva para explicar tais mudanças comportamentais ou atitudinais. Ao contrário da conformidade, que ocorre sem a presença de uma figura de autoridade, a obediência é caracterizada por mudanças no comportamento do indivíduo em função da presença de uma figura de autoridade. Um experimento clássico sobre obediência é o experimento de Milgram (1974, citado por Wearthely & cols.). Milgram mostrou que aproximadamente dois terços dos sujeitos que participaram de seu estudo obedeceram à ordem, dada pelo experimentador, de aplicar choques cada vez mais fortes em um outro suposto participante da pesquisa (confederado do experimentador, que fingia estar de fato recebendo choques elétricos), mesmo acreditando que isso pudesse ter causado fortes danos físicos ao confederado.

Outro fenômeno estudado na área de influência social é a facilitação social. Segundo Wearthely e cols. (1999/2009), a facilitação social relaciona-se à influência causada no comportamento de uma pessoa devido à simples presença de outras pessoas. O primeiro pesquisador a tentar estudar a facilitação social foi Triplett (1898, conforme Wearthely & cols., 1999/2009). Triplett mediu o tempo que crianças levavam para enrolar uma bandeira de seda quatro vezes. Seus resultados mostraram que as crianças enrolavam a bandeira mais rápido na presença de outras crianças do que quando encontravam-se sozinhas. Apesar de algumas controvérsias a respeito desse experimento, percebeu-se que a presença de outras pessoas leva uma mudança na taxa de comportamento quando comparado com o mesmo comportamento, mas este emitido na ausência de outros membros da mesma espécie.

Wearthely e cols. (1999/2009) defendem a idéia de que os fenômenos citados são exemplos de controle de estímulos por membros da mesma espécie. Segundo a análise do comportamento, “estímulos controlam o comportamento de organismos através de vários modos de processamento, seja de uma seleção de dimensões físicas específicas destes estímulos, como de dimensões surgidas da própria experiência por conseqüências positivas ou negativas com as quais estas dimensões são associadas” (Bueno, 1997, *on-line*).

De acordo com Wearthely e cols., os fenômenos psico-sociais também deveriam apresentar alguns efeitos que ocorrem no controle de estímulos (i.e., generalização de estímulos). Os autores argumentam que se sua hipótese estiver correta, o Erro Fundamental de Atribuição (EFA), um fenômeno amplamente estudado por psicólogos sociais, mas à parte do conceito feral de influência social, também deveria ser influenciado pela presença de outras pessoas. O EFA é definido por Aronson e cols. (2002) como a tendência em explicar nosso comportamento e o de outras pessoas superestimando fatores disposicionais (e.g., traços de personalidade), e subestimando o contexto, a situação.

Wearthely e cols. (1999/2009) realizaram um estudo para testar essa hipótese. Utilizou-se no experimento cinco vinhetas escritas e seus questionários correspondentes de avaliação (ver Anexo). As vinhetas descreviam eventos cotidianos envolvendo um ator primário e um ator alvo, onde o ator primário era a pessoa à qual o comportamento era direcionado e o ator alvo era quem emitia o comportamento. Três vinhetas foram de tratamento experimental, que não apresentaram viés em sua redação, com um texto ambíguo, e duas vinhetas eram de controle; possuíam a redação enviesada, fazendo com que o

participante atribuísse um alto percentual de causalidade a um tipo específico de explicação (ou disposicional, ou situacional).

O experimento consistiu de duas condições. Na primeira condição os participantes receberam um pacote com as vinhetas contendo, em seu texto, somente o ator alvo e o ator primário. Já na segunda condição, os participantes receberam um pacote contendo as mesmas vinhetas com uma alteração: além de estarem envolvidas nas situações descritas os atores alvo e primário, havia a presença de outras pessoas (ver Anexo). Os questionários foram impressos na mesma página que as vinhetas e consistiam de três opções de atribuição. Os participantes poderiam atribuir qualquer percentual que escolhessem para fatores situacionais, disposicionais ou de intenção para explicar o comportamento do ator alvo, considerando-se que a soma dos percentuais deveria ser igual a 100%. Cada tipo de fator era acompanhado por um exemplo.

No trabalho de Wearthely e cols. (1999/2009), portanto, a manipulação com relação à presença ou ausência de pessoas ocorreu na redação das vinhetas. O presente trabalho também buscou verificar se a presença de pessoas no ambiente no qual a tarefa foi realizada influenciaria na atribuição de causalidade. Para tanto, nesta replicação, não houve alteração na redação das vinhetas entre os grupos e sim, na presença de pessoas no ambiente quando os participantes respondiam os questionários: um grupo respondeu os questionários em uma sala juntamente com outros participantes e o outro grupo respondeu o questionário individualmente, em cabines experimentais.

Método

Participantes

Participaram do estudo 40 estudantes de graduação dos cursos de Psicologia, Engenharia e Publicidade e Propaganda de uma faculdade particular de Brasília. Os participantes não possuíam contato prévio com a situação experimental e com o conteúdo relacionado com o experimento. Dezesete participantes eram do sexo masculino e 23 do sexo feminino, com idades variando entre 17 anos e 30 anos. Os estudantes foram convidados verbalmente a participarem do experimento e receberam crédito de uma hora de atividade complementar para o curso para seus respectivos cursos.

Materiais, instrumentos e ambiente

Os materiais consistiram de cinco vinhetas escritas e seus questionários correspondentes de avaliação, traduzidos do experimento de Wearthely e cols. (1999/2009, ver Anexo). As vinhetas descreviam situações envolvendo um ator primário e um ator alvo. O ator primário era a pessoa à qual o comportamento era direcionado e o ator alvo era quem emitia o comportamento. Neste estudo, ao contrário do Wearthely e cols., em todas as vinhetas havia apenas a presença dos atores alvo e primário. Três vinhetas foram de tratamento experimental, duas de controle e uma vinheta adicional foi utilizada como exemplo. As vinhetas podem ser encontradas no Anexo.

O ambiente utilizado para a realização deste experimento foram cabines experimentais, medindo aproximadamente 2x2 metros cada, com isolamento acústico e contendo apenas uma carteira e uma sala de aula, com 40 carteiras.

Procedimento

Os participantes foram divididos em dois grupos. À medida que os participantes do primeiro grupo chegavam ao local de realização do estudo, o experimentador fornecia instruções orais sobre a tarefa, entregava um pacote contendo as vinhetas e os questionários e direcionava cada participante a uma cabine experimental. As instruções foram dadas coletivamente ou individualmente, dependendo da quantidade de participantes presentes no momento. Já para os participantes segundo grupo, orientou-se que todos estivessem presentes na sala de aula pré-estabelecida, no horário combinado durante o recrutamento. Após a chegada de todos os participantes na sala, foi entregue, a cada um, um pacote contendo as vinhetas e seus respectivos questionários de avaliação. Posteriormente à entrega das vinhetas, as instruções foram dadas oralmente. O experimentador disponibilizou 10 canetas esferográficas caso os participantes não possuíssem alguma.

As instruções orais foram as seguintes:

“Vocês permaneceram nesta sala pelo tempo de 20 minutos. Portanto, peço que ao terminarem de responder aos questionários permaneçam em silêncio em seus respectivos lugares. Este pacote entregue a vocês é composto de cinco histórias e cada história é seguida de um questionário. Neste questionário vocês serão solicitados a atribuírem percentuais a certos tipos de explicações, como: o quanto vocês acham que o comportamento foi devido à situação, o quanto foi por causa da maneira de ser do sujeito e o quanto você acha que foi intencional. Atribuem uma

porcentagem para cada uma ou para todas as possibilidades descritas. Quando somados esses percentuais devem totalizar 100%.”

Após as instruções orais o experimentador leu a vinheta de exemplo juntamente com os participantes. Após o esclarecimento de todas as dúvidas, os participantes receberam a instrução de abrir o envelope e iniciar o experimento. Ao abrirem o envelope, os participantes foram instruídos a ler as seguintes instruções:

“Neste envelope estão várias histórias curtas. Cada história é seguida por uma questão. Leia, por favor, cada história e cuidadosamente responda a questão antes de prosseguir para a próxima história. Para responder cada questão, você precisa atribuir um percentual a cada uma ou todas as possibilidades descritas. Atribua os percentuais que você acha que melhor explicam a história. Quando somados, os percentuais devem totalizar 100%”.

Resultados

Para a vinheta de controle escrita com viés situacional, a atribuição média à situação foi de 53,17%, enquanto que a atribuição média para disposição foi de 13,12%. Em Wearthely e cols., (1999/2009) os resultados foram respectivamente 61,5% e 10,4%. Já para a vinheta de controle escrita com viés disposicional, a atribuição média à disposição foi de 72,15%, enquanto que a atribuição média para à situação foi de 15,06%. Em Wearthely e cols., esses resultados foram respectivamente 76,1% e 15,5%. O fato de que a atribuição média à disposição na vinheta com viés disposicional foi maior que a atribuição média à situação na vinheta com viés situacional sugere a ocorrência do EFA.

A Figura 1 apresenta a porcentagem de atribuição a fatores situacionais e disposicionais para as vinhetas de tratamento. Conforme pode ser observado, o EFA ocorreu na vinheta “teatro” e na vinheta “corrida”. Entretanto, é importante ressaltar que na vinheta “restaurante” não pode ser observado esse fenômeno. Ao comparar os resultados obtidos neste estudo com os de Wearthely e cols., (1999/2009), pode-se perceber que as médias das atribuições em cada vinheta foram semelhantes.

Na vinheta 1 (Teatro; ver Figura 1), nos resultados obtidos por Wearthely e cols., ambos os grupos atribuíram um percentual maior à disposição, sendo que, o grupo que respondeu “com multidão” apresentou uma média de aproximadamente 75%, e o grupo que respondeu “sem multidão” apresentou

uma média de aproximadamente 70%. Nesta replicação, o grupo que respondeu individualmente obteve uma média de 54,55 % e o grupo que respondeu com a presença de outras pessoas obteve uma média de atribuição à disposição de 45,5 %.

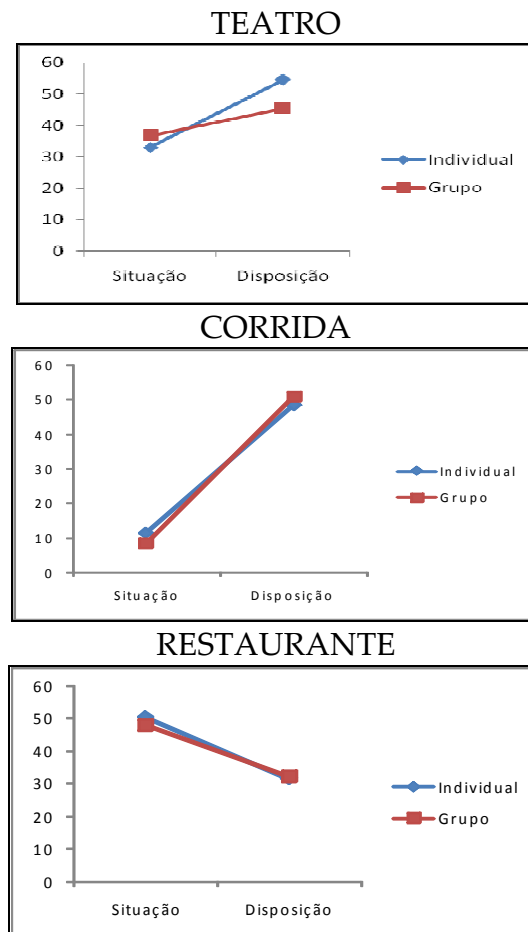


Figura 1. Cada gráfico apresenta os resultados de uma vinheta diferente. As linhas azuis representam os resultados dos que responderam individualmente e as linhas vermelhas os resultados obtidos em grupo. Os resultados mostrados representam os dados médios de todos os participantes.

Neste estudo, na vinheta 2 (Corrida) as médias obtidas para a disposição foram de 48,3% para o grupo que respondeu individualmente e 50,9% para os que responderam em grupo; no experimento original, os resultados obtidos para “com multidão” e “sem multidão” foram respectivamente 55% e 45% aproximadamente. Os resultados obtidos nesse experimento na vinheta 3 (Restaurante) para os que responderam individualmente e para os que responderam em grupo foram respectivamente 31,65% e 32,45% à disposição, enquanto que no experimento de Wearthely e cols., os resultados foram aproximadamente 25% e 15% para os que responderam “com multidão” e “sem multidão” respectivamente.

A análise dos resultados a partir do Teste T de Student revelou diferenças do dados originais de Weatherly e cols. (1999/2009), pois não houve, neste estudo, diferença estatisticamente significativa entre as médias dos participantes que responderam individualmente e os que responderam em grupo (ver Tabela 1).

Tabela 1. Teste T (valor-p) comparando os resultados em Grupo e os Individuais.

	Vinhetas				
	1	2	3	4	5
Situação	0,879	0,680	0,942	0,876	0,495
Disposição	0,791	0,939	0,971	0,978	0,956
Intenção	0,621	0,990	0,916	0,800	0,539

A partir da análise dos resultados, pode-se perceber também, que a correlação entre as respostas e as vinhetas foi alta, sendo que a maior correlação pode ser percebida nas vinhetas de controle, como o esperado, na vinheta 4 obteve-se 0,978 para a disposição e na vinheta 5, 0,956, também para a disposição. Entretanto, ocorreu uma alta correlação nas vinhetas de tratamento experimental. Os resultados também obtidos a partir do Teste T de Student indicam que havia correlação entre as respostas emitidas e as vinhetas e não entre os grupos. Esses dados podem ser observados na Tabela 2.

Ao comparar as respostas situacionais obtidas na vinheta 1 com as da vinheta 2, percebe-se um alto grau de correlação, indicando que as respostas não foram ao acaso. O mesmo pode ser observado quando comparado as respostas disposicionais da vinheta 1 com a vinheta 4.

Tabela 2. Teste T comparando as diferenças percentuais entre as vinhetas.

	Situação 2		Situação 3		Situação 4		Situação 5	
	Individual	Grupo	Individual	Grupo	Individual	Grupo	Individual	Grupo
Situação 1	0,000	0,002	0,091	0,037	0,101	0,009	0,000	0,094
Situação 2			0,000	0,000	0,000	0,000	0,532	0,295
Situação 3					0,783	0,512	0,000	0,001
Situação 4							0,000	0,000
	Disposição 2		Disposição 3		Disposição 4		Disposição 5	
	Individual	Grupo	Individual	Grupo	Individual	Grupo	Individual	Grupo
Disposição 1	0,582	0,501	0,037	0,004	0,000	0,000	0,000	0,080
Disposição 2			0,051	0,047	0,000	0,000	0,028	0,023
Disposição 3					0,000	0,002	0,000	0,000
Disposição 4							0,000	0,000
	Intenção 2		Intenção 3		Intenção 4		Intenção 5	
	Individual	Grupo	Individual	Grupo	Individual	Grupo	Individual	Grupo
Intenção 1	0,032	0,003	0,788	0,393	0,990	0,006	0,001	0,710
Intenção 2			0,033	0,022	0,722	0,296	0,015	0,001
Intenção 3					0,032	0,077	0,546	0,207
Intenção 4							0,013	0,001

Discussão

Este trabalho buscou verificar se a presença de pessoas no ambiente durante uma tarefa de atribuição de causalidade exerce influência na atribuição de causalidade (disposicional, situacional ou de propósito) dos participantes. A partir da análise dos resultados não é possível dizer que a hipótese de que na presença de outras pessoas a atribuição disposicional seria maior do que a atribuição situacional foi confirmada, pois não houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos. Entretanto, percebe-se a ocorrência do EFA, o que ressalta a importância desse fenômeno e a necessidade em estudá-lo em mais detalhe.

Acreditamos que existam três prováveis explicações para que os resultados tenham diferido do experimento original de Wearthely e cols (1999/2009). Uma delas é o fator cultural, destacando que a cultura brasileira é diferente da cultura americana. Diferentes culturas privilegiam diferentes tipos de explicações para os fenômenos que os cercam.

Outro dado que merece destaque é a diferença das médias de atribuição entre as vinhetas (especialmente a vinheta do restaurante), o que sugere que as vinhetas experimentais não eram, de fato, ambíguas, pois se fossem ambíguas os resultados do Teste t informariam uma alta diferença. Uma sugestão para uma próxima replicação é verificar a ambigüidade das vinhetas, manipulando os textos das mesmas.

A terceira hipótese de possível causa é o fato de que os participantes que responderam ao questionário em grupo eram estudantes de Engenharia, sendo que os estudantes que responderam individualmente eram alunos de Psicologia e de Publicidade e Propaganda, dado relevante se for levar em consideração a diferença entre as principais características dos alunos destes cursos. Seria recomendável fazer o experimento com estudantes do mesmo curso, sendo o mais aleatório possível na escolha dos participantes.

A última hipótese a ser destacada é o baixo número de participantes neste experimento, sendo apenas 20 em cada grupo totalizando 40 participantes. Talvez se houvesse um aumento no número de participantes os resultados fossem mais parecidos com os obtidos por Wearthely e cols (1999/2009).

Referências

- Aronson, E., Wilson, T. D., & Akert, R. M. (2002). *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: LTC.
Bueno, J. L. O. (1997). *O Imaginário Animal*. *Psicologia USP* [online], 8, 165-180.

- Guerin, B. (1992). Behavior analysis and the social construction of knowledge. *American Psychologist*, 47, 1423-1432.
- Tourinho, E. Z. (2003). A produção de conhecimento em psicologia: a análise do comportamento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23, 30-41.
- Wearthely, J. N., Miller, K., & McDonald, T.W. (2009). Influência Social como Controle de Estímulos. *Psicologia IESB*, 1, 93-107. (Trabalho originalmente publicado em 1999).

Recebido em: 19/03/2010

Aceito em: 19/01/2012

Anexo

Instruções:

Em anexo estão várias histórias curtas. Cada história é seguida por uma questão. Leia, por favor, cada história cuidadosamente e responda a questão antes de prosseguir para a próxima história. Para responder cada questão você precisa atribuir um percentual a cada uma ou todas as possibilidades descritas. Atribua percentuais que você acha que melhor explicam a história. Quando somados, os percentuais devem totalizar 100%.

Por exemplo:

Mary tem um cabrito,
Sua lã era branca como a neve,
E onde quer que Mary fosse,
O cabrito sempre a seguia.

Por que o cabrito de Mary a segue para a escola?

___ Fatores situacionais

Por exemplo: Mary prendia o cabrito em uma coleira

___ Fatores disposicionais

Por exemplo: O cabrito amava Mary

___ Fatores intencionais

Por exemplo: O cabrito queria os cuidados que Mary dava a ele sempre que ele a seguia

1. Era uma noite chuva de sexta-feira e Luiz estava indo ao cinema. Não havia nenhuma fila no guichê do cinema. Luiz chegou até à janela do guichê, disse ao vendedor de ingressos o nome do filme, e passou o dinheiro pela janela do caixa. Entretanto, quando o vendedor de ingressos entregou o ingresso a Luiz, este era para o filme errado. Luiz apontou o problema para o vendedor. Sem nenhuma discussão ou explicação, o vendedor disse a Luiz para discutir o problema com o gerente.

Por que o vendedor deu a Luiz o ingresso errado?

___ Fatores situacionais

Por exemplo: A máquina de ingressos foi alimentada com informações erradas

___ Fatores disposicionais

Por exemplo: O vendedor não estava prestando atenção em seu serviço

___ Fatores intencionais

Por exemplo: O vendedor queria que Luiz assistisse a outro filme

2. Samuel era um corredor dedicado. Todo sábado Samuel podia ser visto correndo sozinho pelo campo. O percurso variava em cada semana para evitar a monotonia. Em um sábado particular, Samuel estava correndo por um novo caminho, ao lado de uma rodovia. Durante a corrida, um carro se aproximou de Samuel por trás. Quando o automóvel estava atrás de Samuel, o motorista acionou a buzina do carro repetidamente e fez gestos agressivos para Samuel sem diminuir a velocidade do carro. O motorista continuou seu curso e desapareceu em uma curva.

Por que o motorista do carro buzinou e gesticulou agressivamente?

___ Fatores situacionais

Por exemplo: Estava escrito "Buzine agora" na camiseta de Samuel, na parte de trás.

___ Fatores disposicionais

Por exemplo: O motorista não gosta de corredores

___ Fatores intencionais

Por exemplo: O motorista queria avisar Samuel de um perigo à frente na rodovia

3. Embora ainda fosse cedo, Pedro estava com bastante fome. Ao ver um restaurante 24-horas à frente, Pedro entrou no estacionamento. Ao entrar no restaurante, Pedro sentou-se em uma mesa de canto. O restaurante estava vazio. A pessoa que estava atrás do balcão trouxe o menu para Pedro. Este pediu um bife de hambúrguer e um copo de café. Algumas minutos depois, a pessoa que estava atrás do balcão trouxe a Pedro um copo de café um hambúrguer. Pedro disse que o pedido fora uma bife de hambúrguer, e não um hambúrguer. No entanto, Pedro estava com fome e decidiu comer o hambúrguer, em vez de esperar pelo bife de hambúrguer. Pedro comeu o hambúrguer, bebeu o café, pagou a conta e saiu do restaurante.

Por que a pessoa atrás do balcão serviu a Pedro a refeição errada?

___ Fatores situacionais

Por exemplo: A pessoa não ouviu corretamente o pedido

___ Fatores disposicionais

Por exemplo: A pessoa estava distraída ou indiferente

___ Fatores intencionais

Por exemplo: A pessoas estava tentando servir Pedro o mais rápido possível

4. Nevou a noite toda, mas João tinha muito tempo para se vestir antes de sair para trabalhar. João vestiu um pesado casaco de frio, mas se esqueceu de colocar botas de inverno. Calçando sapatos leves, João saiu pela porta do apartamento. Quando o ônibus estava se aproximando do ponto, João começou a andar em direção a ele. Um dos pés atingiu um pedaço de gelo. João perdeu o equilíbrio e se caiu na calçada. Ao ver o ônibus se afastar, João levantou-se vagarosamente e voltou mancando até seu apartamento para calçar as botas de inverno.

Por que João caiu?

___ Fatores situacionais

Por exemplo: As condições eram perigosas

___ Fatores disposicionais

Por exemplo: João é uma pessoa desajeitada

___ Fatores intencionais

Por exemplo: João estava com pressa

5. Embora fosse bastante rico, André apostava na loteria toda semana. Em um dia de sorte, André acertou os número sorteados. O prêmio era de R\$ 100.000.000,00 (100 milhões de Reais). André comprou uma grande casa e um grande carro. O restante do dinheiro foi investido sob a alegação de que André precisava economizar para sua aposentadoria. Nos meses seguintes à premiação, André recebeu várias ligações de instituições de caridade sérias pedindo ajuda para muitos necessitados. No entanto, André recusou-se a doar qualquer quantia a qualquer instituição de caridade ou ajudar qualquer pessoa necessitada. Em meio a tudo isso, André continuou a apostar na loteria toda semana.

Por que André não doou dinheiro à caridade?

___ Fatores situacionais

Por exemplo: André não tem outro dinheiro para sua aposentadoria

____ Fatores disposicionais

Por exemplo: André é uma pessoa egoísta

____ Fatores intencionais

Por exemplo: André estava pensando em seus filhos